

Ernst Troeltsch e a história: uma introdução

Sérgio da Mata*

O teólogo, historiador e filósofo Ernst Peter Wilhelm Troeltsch nasceu em 17 de fevereiro de 1865, em Augsburg, primeiro dos seis filhos de Ernst Troeltsch e Eugenie Klöppel. Aos 19 anos, inicia-se nos estudos de teológicos. Como era comum naquela época, realizou-os em três diferentes universidades: Erlangen, Berlim e Göttingen. Em Berlim, como tantos outros, ficou fascinado pelas arrebatadoras preleções de Heinrich von Treitschke, o controverso sucessor de Ranke. Chegou a escrever a seu amigo Wilhelm Bousset que “apenas por sua [de Treitschke] causa vale a pena ir a Berlim”. Este dado de sua biografia intelectual revelava já um perfil político conservador e o forte interesse pela história, aspectos que marcariam toda sua vida e obra.

Em Göttingen, Troeltsch torna-se discípulo de Albrecht Ritschl, especialista em história da Reforma. Troeltsch associou-se a um grupo de jovens teólogos que viria a se tornar conhecido como “escola da história da religião” (*Religionsgeschichtliche Schule*). Unia-os a preocupação em analisar os textos da tradição cristã a partir de seu contexto histórico próprio e não apenas de uma perspectiva estritamente dogmática. O cristianismo passava a ser considerado uma religião entre outras, e a fim de compreendê-lo dever-se-ia empregar o método histórico.

Tão logo conclui a livre-docência, Troeltsch inicia uma carreira acadêmica meteórica: em 1892, com apenas 27 anos, é nomeado professor em Bonn. No ano seguinte, transfere-se para Heidelberg, universidade em que trabalhavam alguns dos maiores nomes da ciência alemã. Vindo de Freiburg em 1897, Max Weber passa a fazer parte de seu círculo. As famílias de Troeltsch e Weber tornam-se íntimas a

* Prof. adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em História pela Universidade de Colônia.

ponto de morar por algum tempo na mesma casa, situada na Ziegelhäuser Landstrasse.

Em 1904/1905 Weber publica sua monografia sobre a ética protestante, cujas proposições Troeltsch seguramente subscrevia em suas linhas gerais. As afinidades eletivas entre os dois eram de tal ordem que Weber, convidado a fazer uma conferência sobre o polêmico estudo no encontro de 1906 da Liga dos Historiadores Alemães, pediu a Troeltsch que fosse em seu lugar. Atendendo ao pedido do amigo, Troeltsch escreve seu primeiro ensaio propriamente histórico. A conferência serve de base para *O significado do protestantismo para a formação do mundo moderno*, publicado como brochura em 1911. No prefácio da tradução inglesa, que vem à luz no ano seguinte, Troeltsch revela a dimensão da influência que sobre ele exerceram Weber e o neokantismo. Ele se diz disposto a analisar seu objeto “with complete objectivity and impartiality, and, so far as matters of fact are concerned, the results must be convincing alike for believers and unbelievers, Protestants and non-Protestants. The investigation must be strictly historical, and in no way biased by theological prepossessions”.

O engajamento nos Congressos Evangélico-Sociais e a leitura do livro de Nathusius sobre *A tarefa social da Igreja Evangélica* levam Troeltsch a buscar, na história, uma fundamentação adequada para pensar as graves demandas do presente. O resultado deste esforço de investigação é o seu monumental *As doutrinas sociais das igrejas e grupos cristãos* (1912), um estudo de mais de mil páginas e que ele próprio caracterizaria como uma tentativa de construir uma teoria das relações entre o religioso e seu invólucro político-social. Troeltsch dá formato definitivo aos tipos ideais weberianos de *igreja* e *seita*, aos quais acrescenta uma outra modalidade de expressão histórica do “ideal cristão”: a *mística*. Outro aspecto original desta obra é o diálogo crítico com o marxismo. Embora não aceitasse a tese de que a “infraestrutura” material determinaria a “superestrutura” (portanto a religião), Troeltsch admite que tal postulado colocava uma questão fundamental para o historiador, qual seja, em que medida a formação e dinâmica histórica do cristianismo poderia ter sido “sociologicamente determinada” (*soziologisch bedingt*).

Em 1915, Troeltsch é chamado a ocupar a cátedra que pertencera a Dilthey na Universidade de Berlim. Com isso, chegamos à terceira fase de sua produção, caracterizada por um deslocamento cada vez mais evidente em direção ao terreno da teoria e filosofia da história. A partir de alguns artigos anteriormente publicados – muitos deles na *Historische Zeitschrift* –, Troeltsch redige seu último trabalho de fôlego, *O historicismo e seus problemas* (1922). A questão

de fundo já fora apresentada em *O caráter absoluto do cristianismo e a história da religião* (1902): um dos traços fundamentais do mundo contemporâneo residiria precisamente no aparecimento de “uma concepção integralmente histórica das coisas humanas”. O historismo produziu frutos inegáveis, porém, em suas formas mais radicais, ele ameaçava conduzir a uma relativização radical de todos os valores. Falava-se então numa crise do historismo. Pode-se perceber esta “evolução” de posições historicistas para anti-historistas na trajetória de Weber e, num certo sentido, na do próprio Troeltsch.

O primeiro volume de *O historismo e seus problemas* foi dedicado à “lógica formal da história”; um segundo deveria tratar especificamente da filosofia da história. Não houve tempo suficiente para concluí-lo. Desde janeiro de 1923 Troeltsch sofre com uma embolia pulmonar. No dia 1º de fevereiro, morre em Berlim. O filósofo Max Scheler escreveria a respeito: “há pouco, com Ernst Troeltsch, a Alemanha perdeu uma personalidade que, tal como Max Weber, personificava a unidade e o universalismo das ciências do espírito”.

* * *

Salvo entre teólogos, Troeltsch permanece virtualmente desconhecido no Brasil. Entre os cientistas sociais, apenas o falecido Francisco Cartaxo Rolim publicou algo a seu respeito, muito embora um pequeno fragmento de seu *magnum opus* tenha aparecido dezoito anos atrás nas páginas do periódico *Religião e Sociedade*. E foi só.

O texto que segue é a tradução das páginas introdutórias de *O historismo e seus problemas*. Quer-nos parecer que o tema “crise da história”, objeto das reflexões iniciais de Troeltsch, justifique a iniciativa. Ao leitor, deixamos a tarefa de identificar as inúmeras homologias existentes entre o quadro por ele descrito e o nosso momento atual.

Optamos por respeitar o pesado – e por vezes redundante – estilo do original. O gosto do autor pelos períodos demasiado longos, pelo uso de expressões idiomáticas e de adjetivos em série tornou o trabalho de tradução um tanto penoso. É nossa esperança, em todo o caso, que novas traduções possam aparecer e que Troeltsch venha ainda a gozar, entre nós, da atenção que efetivamente merece.

Enfim, expressamos nossos agradecimentos a Giulle Vieira da Mata pela leitura cuidadosa e por suas preciosas sugestões.

Bibliografia

DRESCHER, Hans-Georg. *Ernst Troeltsch. Leben und Werk*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.

GRAF, Friedrich Wilhelm. Fachmenschenfreundschaft. Bemerkungen zu Max Weber und Ernst Troeltsch. In: MOMMSEN, W.; SCHWENKTER, W. (Hrsg.) *Max Weber und seine Zeitgenossen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.

O'DEA, Thomas. Ernst Troeltsch. In: SILLS, David (ed.) *International Encyclopedia of Social Sciences*. New York: Macmillan, 1968.

SÉGUY, Jean. *Christianisme et société. Introduction à la sociologie de Ernst Troeltsch*. Paris: Du Cerf, 1980.

VOIGT, Friedemann. *Ernst Troeltsch Lesebuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.